



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS DA UNICAMP  
REPOSITÓRIO DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA E INTELLECTUAL DA UNICAMP

**Versão do arquivo anexado / Version of attached file:**

Versão do Editor / Published Version

**Mais informações no site da editora / Further information on publisher's website:**

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/ct/article/view/49054>

**DOI: 0**

**Direitos autorais / Publisher's copyright statement:**

©2020 by PPGL/UERN. All rights reserved.

DIRETORIA DE TRATAMENTO DA INFORMAÇÃO

Cidade Universitária Zeferino Vaz Barão Geraldo

CEP 13083-970 – Campinas SP

Fone: (19) 3521-6493

<http://www.repositorio.unicamp.br>

## FORMAÇÃO DE TRADUTORES NA UNIVERSIDADE: PESQUISAS E EXPERIÊNCIAS DE ENSINO

### TRANSLATOR EDUCATION AT UNIVERSITY: RESEARCH AND EXPERIENCE IN TEACHING

Sandra Aparecida Faria de ALMEIDA <sup>1</sup>

Giovana Cordeiro CAMPOS <sup>2</sup>

Érica LIMA <sup>3</sup>

**Resumo:** O presente artigo aborda experiências e práticas de ensino em andamento em três universidades públicas brasileiras: UNICAMP, UFF e UFJF, as quais representam trabalhos apresentados no simpósio do ENTRAD 2019 intitulado “Formação e Pesquisa em Tradução na Contemporaneidade: Panorama e Perspectivas”, que contemplou discussões relacionadas à pesquisa de graduação e de pós-graduação de áreas diversas. Parte-se de diferentes perspectivas de tradução voluntária (PYM, 2017; SPOLIDORIO, 2017; STUPIELLO, 2015; CRONIN, 2013) na Unicamp, aliando-se às experiências do Labestrad/UFF, que integram ensino, pesquisa e extensão em torno do fazer tradutório como reescrita (LEFEVERE, 1992), em interface com os estudos em Análise do Discurso (PECHEUX, 1975), contemplando, ainda, a estrangeirização (VENUTI, 1995, 2002). Finalmente, agregam-se as experiências formativas em contexto acadêmico de ensino de tradução na UFJF em torno da reflexão sobre a aquisição da competência tradutória (HURTADO-ALBIR, 1998, 2000, 2003, 2005; GONÇALVES; MACHADO, 2006; MARTINS, 2006) por meio de oficina que aborda questões de caráter linguístico-pragmático do fazer tradutório. Dessa forma, as três perspectivas formativas apresentadas se apoiam no trabalho crítico-reflexivo, subjetivo e, ao mesmo tempo, coletivo, da tradução como forma de agir no mundo.

**Palavras-chave:** Tradução; Ensino; Pesquisa; Extensão.

**Abstract:** The present study addresses the experiences and practices developed at three Brazilian public universities, namely Unicamp, UFF and UFJF, and presented at Entrad 2019 under the heading " Translation education and research in the contemporaneity: overview and perspectives", subsuming discussions related to undergraduate and graduate research in different fields. Starting from different approaches to volunteer translation (PYM, 2017; SPOLIDORIO, 2017; STUPIELLO, 2015; CRONIN, 2013) at Unicamp, we then add the experiences at Labestrad/UFF, which comprise teaching, research and extension initiatives in translation conceived as rewriting (LEFEVERE, 1992) in articulation with Discourse Analysis (PECHEUX, 1975) but also bearing foreignization (VENUTI, 1995, 2002) in mind. We finally address the formative experiences in translation within academic context at UFJF so as to reflect upon translation competence acquisition (HURTADO-ALBIR, 1998, 2000, 2003, 2005; GONÇALVES; MACHADO, 2006; MARTINS, 2006), by means of a hands-on experience discussing linguistic and pragmatic aspects of translation. To sum up, the three perspectives presented rely on the critical,

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). E-mail: [sandra.sf@gmail.com](mailto:sandra.sf@gmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail: [giovanacordeirocampos@gmail.com](mailto:giovanacordeirocampos@gmail.com)

<sup>3</sup> Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). E-mail: [ericalalima@gmail.com](mailto:ericalalima@gmail.com)

reflexive, subjective and, at the same time, collective work of translation as a way of acting in the world.

**Keywords:** Translation; Teaching; Research; Extension.

## 1 Introdução

Este artigo reúne experiências de ensino e práticas de tradução em andamento em universidades públicas brasileiras de três estados da região sudeste, a saber: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP, São Paulo), Universidade Federal Fluminense (UFF, Rio de Janeiro) e Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF, Minas Gerais). Os trabalhos fizeram parte do simpósio “Formação e Pesquisa em Tradução na Contemporaneidade: Panorama e Perspectivas”, que contemplou discussões relacionadas à pesquisa de graduação e de pós-graduação de áreas diversas, tais como tradução intralingual, acessibilidade textual e terminológica, tradução de textos técnico-científicos, formação de tradutores em um centro de escrita<sup>4</sup> e laboratórios, entre outros.

Partindo do fato de que o ensino de tradução, no Brasil, nem sempre ocorre em cursos de graduação especificamente direcionados à formação de tradutores, muitas vezes surgindo em disciplinas de cursos de graduação em Letras ou até em outros lugares de saber, como escritórios universitários de tradução, laboratórios, empresas juniores, etc., o simpósio centrou-se no debate sobre a formação de tradutores e pesquisadores na esteira de trabalhos de vários estudiosos e pesquisadores da área.

O recorte que apresentamos abrange unicamente as comunicações das organizadoras do simpósio, e tem por finalidade apresentar ações desenvolvidas nas respectivas instituições, promovendo o diálogo e interação e enfocando experiências em sala de aula e aspectos relacionados à pesquisa, tanto no âmbito da graduação quanto da pós-graduação em Estudos da Tradução.

## 2 Tradução voluntária: ensino e pesquisa na UNICAMP

Atualmente, há três cursos de graduação no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP: Licenciatura em Letras (com Habilitação em Português e em Português como Segunda Língua/Língua Estrangeira), Linguística e Estudos Literários<sup>5</sup>. Nos três são oferecidas disciplinas eletivas da área de tradução, por exemplo: Introdução aos Estudos da Tradução; Tradução Inglês > Português; Tópicos Especiais em Tradução Literária I, II e III; Tópicos Avançados em Tradução de Textos Latinos I e II e de Textos Gregos I e II, além de monografia na área de tradução<sup>6</sup>. Somam-se a esses oferecimentos alguns cursos de extensão com diferentes enfoques e valor acessível, abertos para toda a comunidade. Em relação à pós-graduação, em 1987 surgiu o programa de mestrado e em 1993 teve início o doutorado no programa de Linguística Aplicada à Tradução.

---

<sup>4</sup> Além das organizadoras, participaram do simpósio pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal do Paraná (UFPR) e Universidade Estadual Júlio de Mesquita Filho (UNESP).

<sup>5</sup> O curso de Fonoaudiologia também faz parte do Instituto, mas não será abordado aqui porque não oferece nenhuma das disciplinas das quais falaremos neste texto.

<sup>6</sup> Há uma proposta, em tramitação, de inclusão de um Certificado de Estudos em Tradução. Para a obtenção, o graduando deverá cursar 30 créditos entre disciplinas específicas e afins que desenvolvam conhecimentos e habilidades relacionados à prática de tradução e revisão. Após aprovado, passará a ser oferecido no catálogo de 2021 e representará uma oportunidade de formação mais direcionada para tradução e trará maior visibilidade para a área no Instituto.

Atualmente, a linha de pesquisa Linguagem e Tradução continua fazendo parte do departamento de Linguística Aplicada (LA), na qual podem ser desenvolvidas pesquisas na área de Linguagem e Sociedade ou Linguagem e Educação. Além das dissertações e teses de LA, ocorrem pesquisas em tradução nos programas de pós-graduação de Teoria Literária e de Linguística. Por apresentar pesquisas de ponta, desde a década de noventa a UNICAMP tem sido reconhecida tanto pelos estudos teóricos que desenvolve<sup>7</sup> quanto por práticas tradutórias atreladas à produção de conhecimento teórico, o que deu origem a livros compostos por capítulos traduzidos por alunos do programa<sup>8</sup>. Após um período em que a falta de docentes na área impossibilitou a continuidade dessas produções, em 2017 houve a retomada de tais iniciativas, implantando-se os projetos de tradução voluntária.

Geralmente reconhecida como colaboração feita voluntariamente, sem que haja recompensa financeira, a tradução voluntária pode ser dividida em vários grupos, muitas vezes considerados sinônimos, apesar de apresentarem sutis diferenças entre eles. Anthony Pym (2017) enfoca a forma voluntária que as traduções de sites de internet e artigos da *Wikipedia* são feitas, em que muitas pessoas usam o sistema de memória que incorpora sugestões de tradução automática e, a cada pós-edição de uma tradução, os bancos de dados do *Google* são alimentados, aperfeiçoando as traduções. Segundo o autor, essas colaborações podem receber o nome de “tradução gerada por usuário”, “colaboração em massa” (*crowdsourcing*), “tradução comunitária”, “tradução colaborativa” (PYM, 2017, p.249). Outros exemplos de tradução voluntária citados por Pym são as mídias sociais, como *Facebook* e *Twitter*, em que o nome “colaboração em massa” parece ser mais adequado, porque, além de as traduções serem propostas por voluntários, há votação dos usuários (voluntários) para aquela que será usada na rede social.

Uma atuação também muito citada quando se fala de voluntariado é a de comunidades de fãs produtoras de legendas conhecidas como *fansubbing*. Nesse caso, as comunidades (*fandoms*) produzem de forma colaborativa e voluntária, obedecendo a padrões e normas estabelecidas pelos grupos, que acabam definindo uma identidade e um nome para si (cf. SPOLIDORIO, 2017).

Temos, portanto, a tradução gerada por usuário, também conhecida por colaboração em massa (*crowdsourcing*) (CRONIN, 2013; PYM, 2017) ou terceirização em massa (STUPIELLO, 2015); temos também a tradução colaborativa, muitas vezes usada como sinônimo de *fansubbing* e, por fim, temos a tradução comunitária, mais conhecida como interpretação comunitária, que ocorre em hospitais, fronteiras, causas sociais, fóruns judiciais etc. Para agrupar todas essas subdivisões, Jimenez-Crespo (2017) usa a sigla CT3 (*Community, Crowdsourced, and Collaborative Translation*), unindo Comunitária, Coletiva e Colaborativa, ao passo que Cronin (2013) propõe a expressão “ação voluntária coletiva”, que será a adotada neste trabalho.

A opção pela expressão de Cronin, ação voluntária coletiva, deve-se ao fato de a palavra ação possibilitar uma intertextualidade com a ideia de tradução como ação – o que

---

<sup>7</sup> Nomes como Arrojo (1986, 2003) e Ottoni (2005), então docentes da casa, fizeram escola nas décadas seguintes. São frutos de trabalhos desenvolvidos na UNICAMP livros de pesquisadores como Rodrigues (2000), Frota (2000), entre outros.

<sup>8</sup> Nesse sentido, pode-se citar o livro “Tradução: a prática da diferença” (1998) e “Traduzir Derrida: políticas e desconstruções” (2006), o primeiro organizado por Ottoni e o segundo por Ottoni e Ferreira.

também nos remete ao famoso “quand dire c’est faire” (quando dizer é fazer) ou, na versão em inglês, “how to do things with words”, de Austin (1990).

O segundo termo da expressão – voluntária – aparece totalmente relacionado ao fato de não haver recompensa monetária, embora se saiba que não existe um voluntariado “sem condições”, como lembra Derrida (2003) quando fala da situação da universidade. Para o aluno, outros ganhos surgem do trabalho com tradução voluntária, entre os quais podemos citar a experiência, a prática da tradução, a visibilidade trazida pela inscrição do nome nas traduções publicadas e a possibilidade de discussão com os colegas e professores - que nos leva ao terceiro termo: coletiva.

As traduções na universidade são feitas e revisadas em duplas ou trios, e, ao final, são discutidas coletivamente pela equipe toda. Essa dinâmica tem proporcionado a interação e troca de ideias não só sobre questões linguísticas, mas sobre todo o processo tradutório e efeitos dessas traduções na sociedade e na pesquisa de cada aluno.

No momento, temos três projetos de ação voluntária coletiva em andamento na UNICAMP, nos quais se discutem desde a escolha de textos a serem traduzidos, passando pela formação de equipes, escolha de software de memória, criação de glossário, estabelecimento de critérios de revisão, interação com revisor técnico, revezamento de funções dentro do grupo, definição de prazos, até a forma como as traduções serão disponibilizadas ao público.

Os projetos se desenvolvem em esteiras teóricas interdisciplinares, que englobam estudos de tradução ativista (BAKER, 2006; TYMOCZKO, 2006) e etnografia (FERREIRA, 2017) que auxiliam a pensar a dinâmica de trabalho do tradutor e os impactos sociais da tradução.

O primeiro projeto diz respeito a traduções de textos teóricos da área de estudos da tradução e teve início em uma disciplina da pós, quando se observou que alguns textos usados nas pesquisas de alunos da sala não eram acessíveis a todos por estarem escritos em línguas conhecidas por apenas uma parte do grupo. Após discussão, decidiu-se criar um e-mail nas línguas dos textos de interesse dos alunos, o qual foi enviado para os autores com o pedido de autorização para traduzir e publicar os respectivos textos em português. De posse das autorizações, foram divididos os grupos e iniciou-se a tradução. Vários encontros foram feitos, no intuito de discutir o andamento e programar os próximos passos. Depois de prontos, trocaram-se as turmas para que a revisão fosse feita por outra dupla ou trio. Nessa primeira experiência não foram usados softwares de memória, o que acabou dificultando a edição e padronização de citações e referências bibliográficas. Os nove artigos, traduzidos do espanhol, inglês e chinês, deram origem ao livro “Diversas faces da tradução na contemporaneidade” (LIMA, 2018). Em 2019 o grupo produziu um novo volume, acrescentando traduções de textos de língua francesa, cuja forma de publicação está sendo decidida.

O segundo projeto surgiu de uma solicitação da Faculdade de Ciências Aplicadas da UNICAMP. Trata-se da tradução da plataforma digital para avaliação do consumo de FODMAPs, um trabalho desenvolvido por uma equipe de docentes, alunos de pós-graduação e de iniciação científica da graduação, que visa “trazer novos conhecimentos e ferramentas de trabalho para profissionais de saúde e pesquisadores da área”<sup>9</sup>. A tradução para o inglês está sendo feita por alunas da graduação em Letras, com supervisão

---

<sup>9</sup> <http://fodmaproject.sa-east-1.elasticbeanstalk.com/home>. Acessado em nov. 2019.

e gerenciamento de Samira Spolidorio, doutoranda de LA, e revisão da equipe elaboradora da plataforma. Adotou-se, nesse caso, um software gratuito de memória de tradução (Smartcat) e, como no projeto anterior, as traduções estão sendo feitas e revisadas em duplas ou trios. Nesse caso, a interação entre alunas de graduação e de pós-graduação tem sido fundamental para o sucesso das traduções.

O terceiro projeto também surgiu de discussões em sala de aula, após a leitura de um texto de von Flotow (2013), em que a autora, ao fazer uma intersecção entre estudos feministas e estudos da tradução, cita a tradução de *Our Bodies, Ourselves*<sup>10</sup>, um livro considerado “subversivo, crítico e empoderante”, um “sucesso internacional de tradução feminista” (VON FLOTOW, 2013, p.183). O livro, desde seu surgimento na década de 1970, tem passado por grandes adaptações para mais de 30 línguas, incluindo países como China, Índia, Japão, Egito, e representa uma “forte afirmação do ativismo pela saúde das mulheres (em cada versão) e o engajamento crítico com a ‘teoria do corpo’ do feminismo anglo-americano” (ibidem, p.183). Já na leitura do artigo os alunos demonstraram interesse na tradução do livro e dos paratextos a ele relacionados.<sup>11</sup> Após muitos contatos e tratativas, foi fechado um acordo de extensão e pesquisa entre docentes do IEL (Érica Lima), da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP (Rodolfo de Carvalho Pacagnela) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Janine Maria Mendonça Pimentel), que também tinha entrado em contato com a organização norte-americana (OBOS) demonstrando interesse na tradução do livro. Além das universidades, a OBOS também firmou um contrato com a organização não governamental Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, que desde 1981 atende mulheres em situação vulnerável “a partir de uma perspectiva feminista e humanizada”<sup>12</sup>. Essa parceria objetiva não só a publicação e distribuição do livro traduzido como também a destinação dos recursos para causas sociais feministas.

Diferentemente dos dois projetos anteriores, a tradução e adaptação do livro OBOS tem um caráter mais marcadamente ativista (BAKER, 2006; TYMOCZKO, 2006) e, como tal, envolve aspectos mais complexos, entre eles o debate de temas de grande relevância socio-ideológica, a reflexão sobre o papel do tradutor em causas sociais e o interesse pela tradução voluntária como área de aprendizagem e de pesquisa.

A ação voluntária coletiva desenvolvida na universidade tem possibilitado a reflexão sobre aspectos importantes para a formação e para a profissionalização dos alunos. Tem despertado, por exemplo, uma maior conscientização do futuro tradutor sobre a importância do seu trabalho para a sociedade e para si mesmo, em termos de crescimento pessoal e de mudança de perspectiva em relação ao seu papel em cada trabalho que produz. Além disso, leituras sobre assuntos relacionados ao livro OBOS têm proporcionado uma reflexão mais detida sobre alteridade, por meio de conceitos como ética, empatia e hospitalidade, essenciais para a formação do tradutor.

---

<sup>10</sup> <https://www.ourbodiesourselves.org/> Acessado em nov. 2019.

<sup>11</sup> Há uma coletânea de prefácios de traduções que também está sendo traduzida, como parte do projeto. Disponível em: <https://www.ourbodiesourselves.org/cms/assets/uploads/2015/07/prefacebooklet.pdf> Acessado em nov. 2019.

<sup>12</sup> <https://www.mulheres.org.br/>. Acessado em nov. 2019.

### **3 O Labestrاد/UFF: uma experiência de ensino, pesquisa e extensão**

A Universidade Federal Fluminense (UFF), sobretudo na última década, tem ampliado o espaço aberto para a reflexão e o ensino de tradução, inclusive no sentido de impulsionar a criação de um curso de graduação em tradução<sup>13</sup> na instituição. São muitas as iniciativas dos vários departamentos que compõem o Instituto de Letras/UFF, como a abertura de vagas para docentes concursados no campo da tradução, a criação de várias novas disciplinas de graduação e de pós-graduação na referida área, a oferta anual de oficinas de tradução em parceria com a Fundação Biblioteca Nacional (em Paraty), a organização de eventos diversos (abordando várias modalidades, como a tradução literária, a legendagem, a audiodescrição etc.) e linhas de pesquisa em tradução em seus dois programas de pós-graduação (POSLIT e POSLING).

O Laboratório de Estudos da Tradução – Labestrاد/UFF, objeto desta seção, foi criado em 2013 no sentido de fomentar a criação de uma possível graduação em tradução, por meio de um projeto que engloba o ensino, a pesquisa e a extensão em tradução. O Labestrاد/UFF é cadastrado no SIGPROJ como projeto de extensão, uma vez que um de seus objetivos principais, ao lado da proposta de formação em tradução, é fornecer à comunidade em geral (acadêmica ou não) textos de várias naturezas traduzidos. O projeto é coordenado pelo Departamento de Letras Estrangeiras Modernas – GLE e desenvolve a formação de tradutores a partir de uma prática reflexiva da tradução calcada em solicitações da comunidade interna e externa da UFF. Em 2013, o laboratório atuava com cinco línguas estrangeiras, seis professores orientadores e seis discentes de graduação. Em 2019, o Labestrاد/UFF conta com seis equipes de trabalho, distribuídas pelas seguintes línguas estrangeiras de atuação: alemão (com a orientação dos professores Susana Lages, Johannes Kretschmer e Ebal Bolacio), espanhol (com a professora Talita Barreto), francês (com a Professora Mônica Fiuza Bento de Faria), inglês (com os professores Giovana Campos, Vanessa Hanes e Vitor Amaral), italiano (com os professores Emanuel Brito e Guido Bonomini) e russo (com a professora Ekaterina Volkova). No total, hoje são onze professores orientadores, todos do GLE, e vinte um discentes (de graduação e pós-graduação). As atividades do Labestrاد/UFF envolvem os três pilares universitários – ensino, pesquisa e extensão – , uma vez que a prática da tradução é realizada a partir de reflexão, sobretudo no campo dos Estudos da Tradução, havendo produção de conhecimento e há um produto, o qual é disponibilizado ao público/comunidade: as traduções.

Em geral, as equipes são relativamente independentes, havendo um regimento único que organiza os requisitos gerais (relatórios de produção, horas de atuação etc.). A entrada dos participantes discentes de graduação se dá por edital, com provas escritas, entrevistas e análise do currículo dos discentes candidatos. As provas geralmente englobam a leitura de pelo menos um texto teórico e também a tradução de um excerto. Quanto à escolha pelas equipes do que será traduzido no laboratório, há uma relação direta com a demanda, o prazo dado pelo solicitante e o impacto da tradução. As traduções oferecidas são gratuitas, uma vez que o laboratório tem por objetivo o ensino e a experimentação, sendo necessários prazos longos para a realização das tarefas tradutórias. O solicitante deve apontar um contato que esteja disponível para esclarecimentos teóricos, conceituais, terminológicos e textuais. O aceite de uma determinada tradução considera, também, as

---

<sup>13</sup> A proposta de criação do Bacharelado em Tradução na UFF está em tramitação em 2019 e engloba as seguintes línguas: alemão, francês, inglês, latim e grego. Desse modo, as disciplinas de tradução são ministradas no âmbito dos cursos de licenciatura e de bacharelados em Letras.

habilidades dos docentes e discentes (por exemplo, a equipe de inglês não realiza trabalhos de interpretação; se os discentes têm pouca proficiência na língua estrangeira e/ou na modalidade de tradução requerida, os prazos poderão ser mais longos, ou determinada modalidade não poderá ser realizada). Uma vez aceito um trabalho, o primeiro passo é pesquisar os possíveis referenciais teóricos que irão modelar a tradução bem como a modalidade de tradução e a área de saber envolvidas. São efetuadas discussões para a definição de um planejamento, que envolve diretamente teorias dos Estudos da Tradução, e é feita a divisão do trabalho para que a tradução propriamente dita possa ter lugar. A partir daí, os discentes desenvolvem suas traduções por um determinado prazo, trocam ideias entre si até a data de entrega do material ao professor orientador, o qual irá realizar uma primeira revisão, sem corrigir tudo, mas apontando determinados erros e/ou questões tradutórias para discussão. Tal processo é repetido, de acordo com a aprendizagem dos discentes, os prazos estabelecidos e as discussões de cunho teórico-práticos, as quais, por sua vez, irão dar corpo à produção de pesquisas (a serem apresentadas em eventos diversos, como a Semana de Extensão da UFF, por exemplo). Depois de um tempo (geralmente a cada duas semanas), são realizadas discussões conjuntas, até que se chegue a um consenso sobre a tradução como um todo. Assim, o texto “vai e volta” várias vezes, até que seja possível chegar a uma versão final, a qual será entregue ao solicitante da tradução.

Para exemplificar, tomemos uma das atividades realizadas por parte da equipe de inglês formada pelas professoras do GLE Giovana C. Campos e Vanessa Hanes, e que envolve a legendagem para o inglês de vídeo-verbetes que compõem a *Enciclopédia Audiovisual Virtual de Termos, Conceitos e Pesquisas em Análise do Discurso e áreas afins* (doravante *Enciclopédia*). A *Enciclopédia* é um projeto do LAS/UFF – Laboratório Arquivos do Sujeito, cujo referencial teórico, bem como o tema dos vídeos, é a Análise do Discurso francesa de Michel Pêcheux (1975) – AD –, desenvolvida no Brasil por pesquisadoras como Eni Orlandi e Bethania Mariani (a última, professora da UFF e uma das coordenadoras do LAS).

O referencial teórico principal é o dos Estudos da Tradução, porém, o campo da AD comparece, uma vez que é a área de especialidade envolvida. Partimos de conceitos como os de *reescrita*, de André Lefevere (1992), o qual considera ser toda tradução uma nova escrita, modelada pelas contingências sócio-históricas e político-ideológicas que permeiam o contexto de sua produção. No caso da tradução da *Enciclopédia*, a legenda pode ser vista como um outro texto, o qual é acrescentado à tela; uma reescrita, a qual será modelada tanto pelas convenções de legendagem no mercado profissional, quanto pelas reflexões produzidas no âmbito universitário. Lefevere propõe, ainda, o conceito de *patronagem*, segundo o qual o aceite de uma encomenda/patrocínio implica o alinhamento do tradutor (no nosso caso, do tradutor para legendas) com a ideologia do patrono (no nosso caso, o LAS, e com ele os pressupostos da AD, área segundo a qual o modo como se diz é relevante).

Também usamos os conceitos de Venuti (1995, 2002) da *estrangeirização* – estratégia pela qual o tradutor mantém as diferenças culturais na tradução, podendo produzir estranhamentos no leitor e promover a visibilidade da tradução e do tradutor – e o da *domesticação* – estratégia da assimilação pela qual a diferença é suprimida em prol de uma tradução fluente, moldada pelo gosto e pela aceitabilidade do público-receptor. No caso da *Enciclopédia*, em que tradutores/legendadores brasileiros traduzem para o inglês, domesticar é reescrever o texto oral em inglês de modo fluente, de maneira que o texto de chegada pareça ter sido escrito originariamente nessa língua; estrangeirizar, por outro lado, é deixar marcas da procedência do texto: brasileira. Optamos por usar as duas

estratégias, uma vez que levamos em conta tanto a necessidade da fluência, preconizada pela escrita científica (sobretudo em inglês), afinal, os vídeos precisam ser vistos pela comunidade acadêmica estrangeira; porém, em alguns momentos, usamos certa resistência, não somente para marcar na escrita a origem brasileira do texto, mas também em observância ao modo de dizer de determinado pesquisador. Destacamos que a estratégia da estrangeirização tal como é por nós proposta muitas vezes não segue as convenções de mercado. Logo, o projeto constitui um espaço de reflexão sobre a relação entre academia e mercado, possibilitando uma formação mais ampla para os discentes, inclusive aqueles que não participam diretamente do Labestrad, uma vez que as questões levantadas são levadas para as disciplinas de graduação e de pós-graduação. Para exemplificar essa relação, devemos colocar que a disciplina do GLE “Introdução à Tradução I – Inglês”, a partir do desenvolvimento do projeto de legendagem (2017), engloba um módulo de ensino de introdução à legendagem.

A legendagem é uma modalidade de tradução audiovisual, a qual é realizada para espectadores que, de um modo ou de outro, não conseguem compreender a língua de partida. Segundo Naves (2016, p. 36), o espectador precisa ser capaz de ler a legenda, olha as imagens e ouvir o áudio, tudo isso simultaneamente, e acontecendo em segundos e milésimos de segundos. Existem parâmetros de legendagem, como o número reduzido de caracteres em tela, tempo de permanência da legenda, tempo de fala, velocidade de leitura do espectador, espaço em tela etc. Teóricos e legendadores concordam que a tradução para legendagem caracteriza-se como processo de síntese, ao mesmo tempo em que demanda criatividade. De forma geral, segundo Martinez (2007, p. 3), cada legenda deve ter no máximo duas linhas e ser “uma unidade inteligível e completa [...]”. Para isso, o legendador deve ter a capacidade de decidir como vai traduzir [...] e o que vai deixar de fora com base no tempo e no espaço que tem disponível”. Buscamos respeitar as limitações de tempo e de espaço da legendagem, uma vez que legendas muito longas ou sem tempo de leitura podem não ser lidas/compreendidas. Como o espaço de publicação é o da internet, que permite a pausa dos vídeos, optamos por usar 37 caracteres por linha, podendo chegar a 41 em algumas legendas. Porém, quando lidamos com o estranhamento provocado pela estratégia da estrangeirização, procuramos não alongar as legendas que precedem ou sucedem o estranhamento, e não ultrapassamos a velocidade de 17 caracteres por segundo.

Em geral, o processo de legendagem da *Enciclopédia* pode ser resumido da seguinte forma: i) discussão do projeto da *Enciclopédia*; ii) definição, leitura e discussão dos textos teóricos que sustentam o trabalho (Estudos da Tradução, englobando a Tradução Audiovisual e Análise do Discurso francesa) bem como pesquisa sobre as convenções de mercado; iii) aprendizado do programa de legendagem gratuito (*Subtitle Workshop*); iv) produção das traduções/legendas; v) discussões de revisão e finalização das legendas conjuntas; vi) produção de material didático sobre tradução para legendas para uso nas disciplinas de graduação e de pós-graduação e em minicursos sobre legendagem; vii) produção de reflexão, comunicações e artigos sobre a realização do projeto de legendagem.

No processo como um todo, os participantes, tanto docentes quanto discentes, puderam compreender as dificuldades da tradução de modo geral, e da tradução para legendagem em particular, sobretudo no caso de uma tradução que é feita para a língua estrangeira. O processo de aprendizagem, portanto, envolve não somente o ensino da tradução, mas também o ensino de línguas, sendo uma das principais contribuições o entendimento das diferenças e semelhanças entre as línguas envolvidas: português e inglês.

São vários os projetos de tradução desenvolvidos no Labestrad/UFF, como a tradução de livros de ensino de línguas, de palestras ministradas em línguas estrangeiras, de textos diversos que nunca foram traduzidos para o português etc. Há também a organização de eventos e a oferta de minicursos de tradução (incluindo a legendagem) em que os discentes participantes do Labestrad/UFF são os instrutores. Ressaltamos o desenvolvimento para uma formação mais específica, que envolve a tradução em sentido mais amplo, e as diversas modalidades trabalhadas, em sentido mais estrito (como a literária, a audiovisual e a especializada, para citar algumas). Cabe dizer que tal formação não se restringe aos membros do Labestrad/UFF, uma vez que minicursos têm sido ministrados dentro e fora da UFF, bem como a legendagem passou a fazer parte do programa de disciplinas de graduação e de pós-graduação. A realização dos projetos, a qual envolve pesquisa e aprendizagem, representa um incentivo importante para investigações, reflexões e discussões sobre práticas a serem assumidas em diferentes espaços e contextos, propiciando o desenvolvimento acadêmico, profissional e humano de discentes e docentes.

#### **4 A tradução como uma experiência hands-on: reflexões sobre a aquisição da competência tradutória**

No âmbito do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora, a formação de tradutores se desenvolve a partir de uma abordagem centrada em subcompetências, segundo o modelo de competência tradutória de Hurtado-Albir (1998, 2000, 2003, 2005). O curso de graduação é de quatro anos e se divide em dois ciclos, básico e profissional, de modo que as disciplinas das áreas de língua, linguística e literatura formam o primeiro núcleo, que dá sustentação ao núcleo de disciplinas específicas da área de tradução, já no segundo ciclo. Considerando que o ciclo básico atende a licenciandos e bacharelados em Letras<sup>14</sup>, as disciplinas ofertadas, em especial oficinas, se pautam no percurso formativo do curso, centrando-se em uma perspectiva reflexiva sobre a formação dos graduandos. Dessa forma, a oficina como componente curricular do curso se constitui em um espaço de experimentação e reflexão sobre a formação acadêmica. No caso da modalidade de Bacharelado, as habilitações ou ênfases em Tradução envolvem Inglês, Latim, Francês e Espanhol. Bacharelados e licenciandos se apoiam na disciplina como uma experiência *hands on*, trazendo importantes reflexões sobre o fazer tradutório.

Ao discutir o desenvolvimento de competências na formação tradutória, alguns autores defendem o desenvolvimento de competências prévias, como a competência linguística na língua estrangeira (PACTE, 2003), enquanto outros defendem o desenvolvimento concomitante das competências linguística e tradutória (GONÇALVES; MACHADO, 2006). Outros, por sua vez, defendem a integração, dinâmica e cíclica (e, por conseguinte, processual) de um conjunto de subcompetências (HURTADO-ALBIR, 2005). Outros autores vão mais além e ampliam a discussão sobre a competência tradutória de modo a abarcar também a competência do tradutor (KIRALY, 2000), compreendendo, aí, um conjunto de ferramentas e recursos que o coloca em condições de disputar o mercado de trabalho globalizado.

Contemporaneamente, não é desejável pensar o fazer tradutório sem que se conceba o desenvolvimento de habilidades, ou competências, de natureza operacional ou instrumental (HURTADO-ALBIR, 2005; MARTINS, 2006). Face ao desenvolvimento

---

<sup>14</sup> O ingresso na graduação em Letras (Integral) se dá por Área Básica de Ingresso (ABI). Após cumprir o ciclo básico, os graduandos optam por uma das modalidades, Licenciatura ou Bacharelado.

tecnológico que universalmente mudou os modos de produção em geral, as novas gerações de aprendizes se apoiam cada vez mais nas tecnologias digitais para empreender suas práticas, desde as mais cotidianas até mesmo as acadêmicas. As tecnologias da informação e da comunicação (TICs) ocupam, nesse novo cenário, lugar de destaque.

Assim, para integrar os novos percursos formativos dos graduandos na contemporaneidade, os programas de graduação tem se valido cada vez mais de um poderoso ferramental tecnológico para (i) abrir novas perspectivas de ensino e aprendizagem; (ii) estruturar atividades formativas de modo mais abrangente e equânime; e (iii) consolidar um conjunto de saberes de forma prática e reflexiva.

Nesse sentido, foi implementado um estudo piloto em uma turma de oficina de tradução denominada “Tradução e ensino de LE”, em que se buscou discutir, em momentos distintos da disciplina, a contribuição da tradução para as metodologias de ensino de línguas estrangeiras, bem como o papel das subcompetências (HURTADO-ALBIR, 2005), em especial a linguística e a instrumental, no desenvolvimento da competência tradutória.

Nesse segundo aspecto, os graduandos foram submetidos a uma avaliação diagnóstica de seu nível de proficiência linguística para que as atividades a serem desenvolvidas pudessem estar adequadas ao nível dos participantes. Os resultados dos testes de proficiência foram os seguintes:

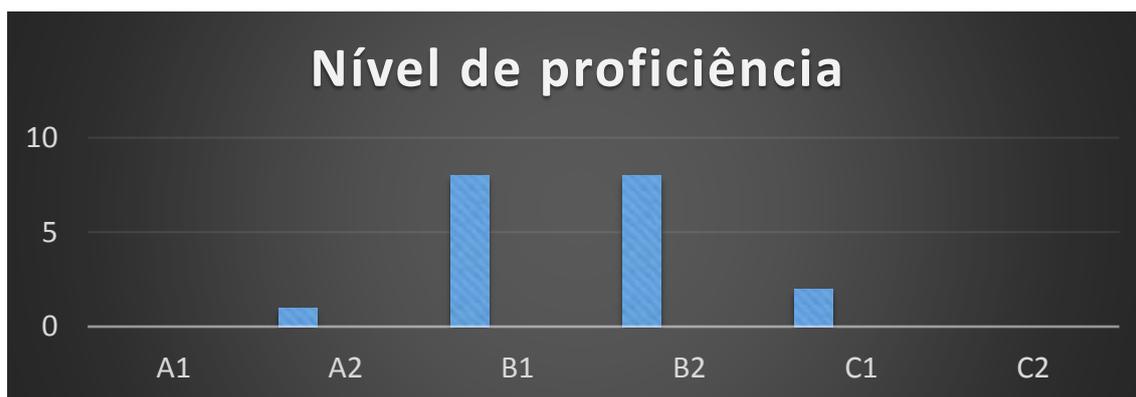


Gráfico 1: Nível de proficiência linguística dos participantes

Conforme pode-se depreender do gráfico acima, a maior parte dos graduandos situou-se na faixa intermediária (B1 e B2) de conhecimento linguístico, o que era compatível com a etapa cumprida no fluxograma do curso.

Com relação à composição do grupo, os participantes eram oriundos de ambas as modalidades formativas do curso de Letras, quais sejam, Bacharelado e Licenciatura em Letras, exibindo a seguinte distribuição:

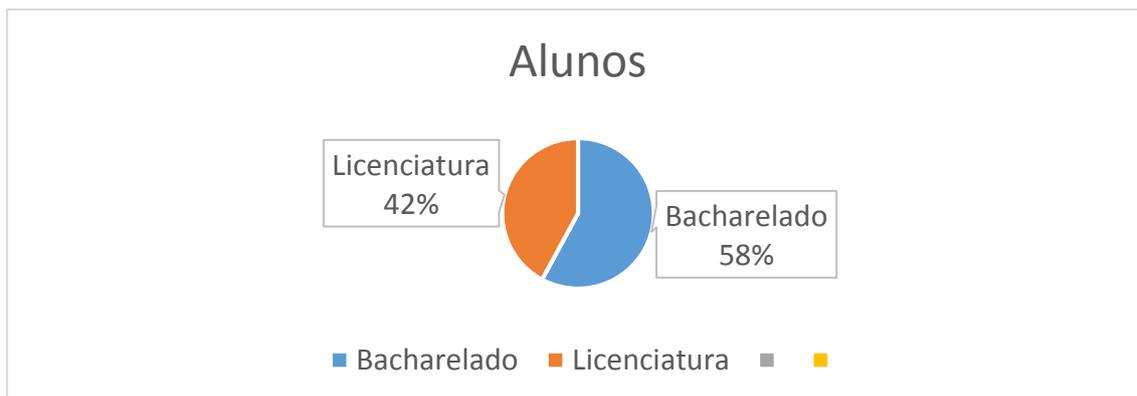


Gráfico 2: Distribuição de participantes por modalidade formativa

Conforme exposto acima, o percentual de participantes foi levemente superior com relação à modalidade formativa em Tradução, evidenciando uma preocupação, já nos primeiros semestres do curso, com uma postura reflexiva sobre a aquisição da competência tradutória.

Com relação ao par de línguas escolhido como habilitação ou ênfase da modalidade pretendida, os resultados foram os seguintes:

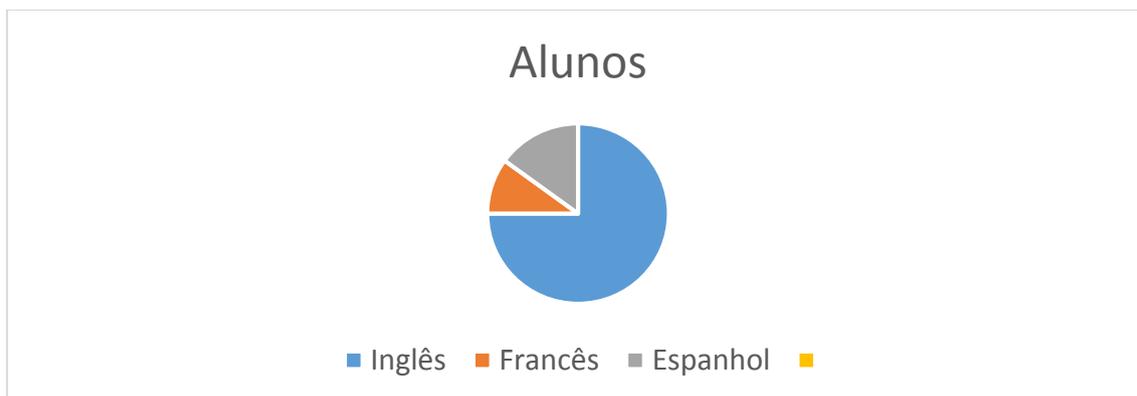


Gráfico 3: Distribuição dos participantes por habilitação pretendida

As atividades propostas para essa etapa da oficina se concentraram em análise de traduções previamente realizadas, observando-se aspectos de adequação lexical; (ii) adequação sintática; e (iii) adequação discursivo-pragmática das escolhas implementadas na tradução. Os materiais selecionados para implementar a análise seguiram os seguintes critérios: (i) diversidade de gêneros textuais (artigos científicos, notícias, tirinhas, manuais etc); (ii) textos traduzidos por aprendizes de tradução, sem identificação de autoria, ou textos disponíveis online; (iii) suporte das TICs na resolução dos exercícios propostos.

Com base nas análises implementadas pelos participantes do estudo, foi possível coletar algumas reflexões que ilustram bem o nível de meta-reflexão sobre o fazer tradutório, evidenciando o lugar/ olhar do graduando sobre o grau de especificidade e/ou complexidade da atividade tradutória.

Também foi possível depreender algumas reflexões de caráter geral, relevantes para o propósito formativo-reflexivo da oficina. São elas:

- i. do ponto de vista do material textual utilizado, aspectos sutis de natureza linguística, como a adequação léxico-semântica (no caso de colocações e

coligações (BERBER-SARDINHA, 2000, 2002, 2003, 2004; TAGNIN, 2002) não foram tão facilmente detectados pelos aprendizes quanto aspectos de natureza sintática, em especial a ordem dos elementos nas sentenças, e aspectos de natureza discursivo-pragmática, como o nível de formalidade das escolhas;

- ii. do ponto de vista do perfil dos participantes, os alunos que tinham uma experiência tradutória prévia assumiram uma postura mais crítica e reflexiva sobre as decisões/escolhas tradutórias, corroborando a necessidade de um saber especializado (HURTADO-ALBIR, 2005);
- iii. do ponto de vista da autoavaliação da disciplina, os relatos dos aprendizes evidenciaram que, quanto maior a subcompetência bilíngue, melhor o manejo das tecnologias da informação (subcompetência instrumental), mais uma vez corroborando o argumento de Hurtado-Albir (2005) de que o desenvolvimento das competências deve ser feito de modo integrado, cíclico e dinâmico.

O estudo piloto proporcionou a discussão não só sobre a contribuição da tradução para as metodologias de ensino de línguas estrangeiras, como também sobre o desenvolvimento da competência tradutória, englobando ainda o papel das subcompetências (HURTADO-ALBIR, 2005), em especial a linguística e a instrumental.

## **5 Considerações finais**

A possibilidade de trazer para a universidade projetos de impacto social, seja para a própria comunidade acadêmica, seja para a comunidade em geral, coloca em cena o que entendemos por “responsabilidade” ou pela “razão de ser” da universidade (DERRIDA, 2003). Também é na universidade que podem ocorrer discussões sobre a ética da tradução, sobre o compromisso e competência essenciais para o bom desempenho da profissão. Como foi apontado no caso do Labestrad/UFF e no projeto de tradução ativista da UNICAMP, em cada projeto tradutório estão envolvidos aspectos linguístico-culturais, histórico-ideológicos e socio-políticos, por isso é importante pensar na tradução como reescrita (LEFEVERE, 1992), como ação (BAKER, 2006; TYMOCZKO, 2006) o que implica considerar, além do papel do tradutor, a finalidade e o público ao qual o texto traduzido se destina, ou, mais que isso, pensar na complexidade inerente a todo processo tradutório.

As atividades aqui apresentadas mostram maneiras de ajudar a desenvolver habilidades de tradução e aprimorar o desempenho do aluno, ao mesmo tempo em que incentivam reflexões por meio da experiência prática, evitando que os alunos envolvidos “caminhem às cegas” ou “tenham que se basear no método de tentativa-e-erro” (GILE, 2009, p. 7). Dessa forma, os projetos são desenvolvidos com base na inseparabilidade entre teoria e prática de tradução, um tema já extensivamente discutido, inclusive em Chesterman e Wagner (2002).

Um dos pontos mais positivos das iniciativas aqui apresentadas consiste em trazer para a sala de aula discussões que ultrapassam as clássicas dicotomias geralmente abordadas e debater outros aspectos, como a impossibilidade da neutralidade, a subjetividade do tradutor inerente a toda tradução, os impactos que determinados assuntos poderão ter na vida e na profissão do aluno. As ações voluntárias coletivas de tradução surgem como um lugar de compartilhamento de saberes e experiências que possibilita a articulação entre teoria e prática e, ao mesmo tempo, proporciona levantar questionamentos, especialmente para tradutores em formação, que precisam lidar com dificuldades inerentes ao

voluntariado, tais como comprometimento, organização, autodisciplina e trabalho em equipe. Adiciona-se, a essas dificuldades, a complexidade do processo tradutório, que envolve decisões além da esfera linguística e que abrangem ideologia, subjetividade, empatia, primordiais para uma formação mais humanística, crítica e reflexiva do aluno, que não vai procurar uma tradução certa, mas aquela que é considerada mais adequada naquela situação específica.

## 6 Referências

- AUSTIN, J.L. **Quando dizer é fazer**. Palavras e Ação. Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- ARROJO, R. **Oficina de tradução**. A teoria na prática. São Paulo: Ática, série princípios, 1986.
- ARROJO, Rosemary. **Tradução, desconstrução e psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.
- BAKER, Mona. Translation and Activism: Emerging Patterns of Narrative Community. **The Massachusetts Review**, vol. 47, no. 3, 2006, pp. 462–484. JSTOR, JSTOR, [www.jstor.org/stable/25091111](http://www.jstor.org/stable/25091111).
- BERBER SARDINHA, T. Linguística de Corpus: Histórico e problemática. *DELTA*. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada, São Paulo, v. 16, n. 2, p. 323-367, 2000.
- BERBER SARDINHA, T. Corpora eletrônicos na pesquisa em tradução. In: TAGNIN, S. E. O. (org.). *Cadernos de Tradução: Corpora e Tradução*. v. 1. n. 9. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- BERBER SARDINHA, T. Uso de corpora na formação de tradutores. v. 29. *DELTA*. São Paulo, 2003.
- BERBER SARDINHA, T. **Linguística de Corpus**. São Paulo: Editora Manole, 2004.
- CHESTERMAN, W.; WAGNER, E. **Can theory help translators: a dialogue between the Ivory Tower and the Workforce**. Manchester: St Jerome Publishing, 2002.
- CRONIN, M. **Translation in the Digital Age**. London and New York: Routledge, 2013.
- DERRIDA, Jacques. **A universidade sem condição**. Trad. Evandro Nascimento. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.
- FROTA, Maria P. **A singularidade na escrita tradutora**. Editora Fapesp, 2000.
- GILE, D. Theoretical components in interpreter and translation training. In: GILE, D. **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translation training**. Amsterdã/Filadélfia: John Benjamins, 2009.

- GONÇALVES, J. L. V.; MACHADO, I. T. N. Um panorama do ensino de tradução e a busca da competência do tradutor. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 17. Florianópolis: UFSC, 2006.
- LEFEVERE, André. **Translation, rewriting, and the manipulation of literary fame**. London/New York: Routledge, 1992
- JIMÉNEZ-CRESPO, Miguel A. **Crowdsourcing and Online Collaborative Translations**. Expanding the limits of Translation Studies. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2017.
- HURTADO -ALBIR, A aquisição da competência tradutória: aspectos teóricos e didáticos. In: PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F. **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- KIRALY, D. **A social constructionist approach to translator education**. Manchester: St. Jerome, 2000.
- MARTINS, M.A. P. Novos desafios na formação de tradutores. **Cadernos de Tradução**, v. 1, n. 17. Florianópolis: UFSC, 2006.
- MARTINEZ, Sabrina. **Tradução para legendas: uma proposta para a formação de profissionais**. 2007. 101 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.
- PACTE. Building a Translation Competence Model. In: ALVES, F. (Ed.) **Triangulating Translation: perspectives in process oriented research**. Amsterdam: John Benjamins, 2003.
- PAGANO, A.; MAGALHÃES, C.; ALVES, F.. **Competência em tradução: cognição e discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, SP: Pontes, 2001.
- OTTONI, Paulo. (org.) **Tradução**. A prática da diferença. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.
- OTTONI, Paulo. **Tradução Manifesta**. Double Bind & Acontecimento. Unicamp/Edusp, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Trad. Eni Orlandi *et al.* 2. Ed. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, [1975] 1995.
- RODRIGUES, C. C. **Tradução e diferença**. São Paulo: Unesp, 2000.
- PYM, Anthony. **Explorando Teorias da Tradução**. Trad. Rodrigo Borges de Faveri, Claudia Borges de Faveri, Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

- SPOLIDORIO, Samira. **Comunidades online e legendas de fãs: novas formas de produzir e consumir legendas**. 2017. 1 recurso online ( 134 p.). Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/322463>>. Acesso em: 1 set. 2019.
- STUPIELLO, Érika N. A. Tradução & tecnologias. In: AMORIM, L.M., RODRIGUES, C.C., STUPIELLO, Érika N. A., orgs. **Tradução &: perspectivas teóricas e práticas** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015, pp. 303-324.
- TYMOCZKO, Maria. Translation: Ethics, Ideology, Action. **The Massachusetts Review**, vol. 47, no. 3, 2006, pp. 442–461. JSTOR, JSTOR, [www.jstor.org/stable/25091110](http://www.jstor.org/stable/25091110).
- TAGNIN, S. E. O. Os Corpora: instrumentos de auto-ajuda para o tradutor. In: TAGNIN, S. E. O. (org.). *Cadernos de Tradução: Corpora e Tradução*. v. 1. n. 9. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2002.
- VENUTI, Lawrence. **The translator's invisibility: a history of translation**. Londres / Nova York: Routledge, 1995.
- VENUTI, Lawrence. *Escândalos da tradução: por uma ética da diferença*. Trad. Laureano Pelegrin et. al. Bauru: Edusc, 2002.
- VON FLOTOW, L. Traduzindo Mulheres: de histórias e re-traduições recentes à tradução “Queerizante” e outros novos desenvolvimentos significativos. Trad. Tatiana Nascimento dos Santos. In: BLUME, R.F.; PETERLE, P. (org). **Tradução e relações de poder**. Tubarão: Ed. Copiart; Florianópolis: PGET/UFSC, 2013, p. 169-192.

